

Lágrimas novas para as velhas damas

Mia Couto

Dona Anunciação devorava o jornal, no mais cedo da manhã. Não se detinha nas notícias do mundo, desse mundo que ela dividia em duas singelas porções: o de lá e o de cá.

Com suas mãos magras abria o matutino na página dos anúncios funerários e via pelas fotografias se tinha morrido alguém conhecido. Procurava os brancos. Apesar de quase todos lhe serem estranhos, o simples facto de serem da sua raça e de terem morrido dava-lhe a sensação de realmente os ter conhecido.

Sua irmã Vitorinha, ainda mais velha, não se importava com novidades. Seus olhos tinham superado a validade. Era Anunciação que lhe transmitia as notícias fúnebres. Descrevia com exaltante detalhe o aspeto físico dos falecidos. Nas palavras da irmã, todos se tornavam cheios de aspeto, de semblante bondoso e de olhos azuis. Vitorinha, cujos desempregados olhos eram realmente azuis, ouvia os tristes relatos e lacrimejava:

– Ai de nós, Sãozinha, que já somos tão poucos.

As duas velhas só saíam de casa para acompanhar funerais. Vestidas de luto, lá seguiam num idoso carro. Anunciação conduzindo para desgraça dos peões da Avenida do Trabalho. Uma vez, por distração, ultrapassaram o cemitério e estacionaram no Jardim Zoológico. Chegaram mesmo a comprar bilhete de ingresso, Vitorinha comentando que «isto está cada vez pior, um dia até se paga para...». Não chegou a terminar a frase: um rugido de leão esfaimado interrompeu a lamúria. Anunciação fugiu com tal pressa que, por momentos, se esqueceu que não viera só. Voltou atrás depois, já ciente do lugar onde estava, para deparar com Vitorinha ajoelhada, orando fervorosamente frente à jaula dos ursos, o jazigo dos Moreiras, como ela mais tarde se referiu.

Sucedeu que, durante dias bastante consecutivos, nenhuma cara «conhecida» se estampou na sexta página do jornal.

– Agora, não tem morrido ninguém, já viu, Vitorinha?

E as velhas já começando a ficar neuróticas, sem motivo para as suas cerimoniosas excursões, não puderam conter a exclamação quando o anúncio apareceu:

– Está aqui um! Vitorinha, prepare-se depressa que vamos agora mesmo para o aeroporto.

– Aeroporto?

– Ai Deus, que disparate. Queria dizer cemitério.

E arrancaram às pressas, não fossem perder o enterro. No caminho, Vitorinha, curiosa:

– Era uma pessoa... conhecida?

– Era. Uma pena, um jovem.

E começou a descrever o malogrado: um príncipe, olhos azuis, boca rasgada, sorriso bom. Vitorinha abanava a cabeça, reprovando a divina injustiça:

– *Antes Deus nos levasse a nós, mana.*

Chegaram ao cemitério, compraram flores. «Credo, o preço que pedem por meia dúzia de botões silvestres», resmungava a mais velha. Anunciação apressando-lhe o andar:

– *Há certas coisas que até fica mal regatear preços, mana.*

– *E eu disse alguma coisa? Ora que esta...*

Em seus passinhos de magra distância, foram-se juntando a um pequeno grupo que, rodeando uma tumba, se despedia de seu ente querido.

Com respeito e discrição, dona Anunciação acercou-se de um dos presentes e perguntou, quase em surdina:

– *Coitado, tão jovem. Era filho de quem?*

– *Era filho do Mucavele.*

– *Mucavele?*

– *Sim, do Fabião Mucavele, esse que está sentado ao lado do caixão.*

Dona Anunciação agradeceu e engoliu em seco. Mucavele? Mas então e a foto do jornal, tão clara, o moço parecia branco. Um desacerto de tinta na impressão ou seus olhos seguiam o caminho dos de Vitorinha?

Quis explicar o engano à irmã mas preferiu reservar-se. Vitorinha, surda como era, só perceberia se ela desatasse para ali aos gritos. Pensou em retirar-se sem dar nas vistas. Mas, de repente, olhando o rosto de sua irmã e vendo-lhe as grossas lágrimas, sentiu uma enorme e irreprimível tristeza por aquele que era enterrado. E chorou, chorou lágrimas que em funeral de nenhum conhecido haviam sido tão verdadeiras.

Ainda hoje a família Mucavele se interroga sobre o estranho aparecimento das duas velhas brancas e mais ainda sobre o profundo e solidário recolhimento com que, mesmo depois da cerimónia, se mantiveram junto à tumba.

[In: Mia Couto. *Cronicando*. Lisboa: Editorial Caminho, 1998, pp. 57-59.]